vinetur

Grupos alemães do vinho pedem a Berlim que abandone aumentos de impostos sobre espumantes e bebidas espirituosas

O setor afirma que impostos mais elevados fariam subir os preços e agravariam a pressão sobre produtores que enfrentam a maior crise desde a Segunda Guerra Mundial

quinta-feira, 5 de novembro de 2026



Grupos alemães dos setores do vinho e das bebidas espirituosas reuniram-se com deputados em Berlim na terça-feira, 3 de novembro, para pedir ao Governo que abandone os aumentos de impostos previstos sobre espumantes e bebidas espirituosas e apoie uma reestruturação mais ampla do setor vitivinícola do país, que, segundo afirmaram, atravessa uma profunda crise económica.

O apelo foi feito numa sessão parlamentar dedicada ao vinho, organizada em conjunto pela Associação Alemã Raiffeisen, conhecida como DRV, e pela Associação Federal do Vinho, do Espumante e das Bebidas Espirituosas, ou BWS. Segundo as organizações, membros do Bundestag e funcionários do parlamento, das representações dos estados federados e dos gabinetes políticos participaram em debates sobre os problemas económicos do setor, a campanha de vindima de 2026 e possíveis respostas políticas.

Jörg Migende, presidente da DRV, afirmou que o setor vitivinícola alemão atravessa a maior crise desde a Segunda Guerra Mundial. Apontou como causas a quebra do consumo de vinho, a prudência dos consumidores nos gastos, os elevados custos de produção e a forte concorrência internacional. Disse que as cooperativas vitivinícolas e os seus membros estavam sob grande pressão, apesar de continuarem a produzir vinhos de elevada qualidade.

As organizações afirmaram que a reduzida vindima de 2026 poderá acelerar mudanças que já estão a transformar a produção de vinho na Alemanha. Migende defendeu que a questão principal já não era saber se a estrutura da viticultura iria mudar, mas sim como seria gerida essa mudança. Segundo afirmou, as empresas precisam de perspetivas económicas, previsibilidade no planeamento e condições políticas que permitam a adaptação.

Entre as medidas debatidas estiveram o apoio a permutas voluntárias de terrenos para preservar áreas vitícolas contínuas, a retirada temporária de vinhas da produção para aliviar a pressão do mercado e, a prazo, incentivos financeiros aos viticultores que optem por abandonar a produção de vinho. Migende afirmou que a simples redução da área de vinha não seria suficiente. Defendeu que os decisores políticos também deveriam reforçar as vendas e ajudar os produtores a encontrar novas oportunidades de mercado, aproximando a produção e o marketing da procura dos consumidores.

Esta abordagem é relevante para além dos viticultores. Impostos mais elevados sobre os espumantes poderiam fazer subir os preços de venda ao público e enfraquecer a procura num segmento importante das bebidas, além de dificultarem a utilização de produtos espumantes pelas adegas para diversificarem a atividade, numa altura em que as vendas de vinhos tranquilos estão a diminuir.

Alexander Tacer, diretor-geral da BWS, centrou a sua intervenção nos aumentos de impostos previstos. Afirmou que impostos adicionais sobre espumantes e bebidas espirituosas se traduziriam diretamente em preços mais elevados para os consumidores e agravariam a pressão numa altura em que as famílias já enfrentam um aumento do custo de vida. Pediu aos decisores políticos que abandonassem o plano.

Tacer afirmou que a medida aumentaria os encargos de empresas já sob forte pressão e prejudicaria também a restauração e a atividade económica regional. Disse que muitos produtores de vinho estavam a apostar nos espumantes devido à acentuada quebra nas vendas de vinhos tranquilos e porque estes produtos ofereciam uma nova fonte de valor. Um imposto mais elevado sobre os espumantes, afirmou, dificultaria essa estratégia e enfraqueceria a base financeira de muitas empresas.

Tacer questionou também se a medida permitiria obter a receita fiscal adicional esperada pelo Governo. Se os espumantes e as bebidas espirituosas ficarem mais caros, afirmou, os consumidores poderão optar por outros produtos em vez de simplesmente pagarem mais. Isso poderá limitar qualquer aumento da receita do Estado e gerar ainda mais incerteza para produtores e distribuidores em todo o mercado das bebidas.

As organizações do setor não especificaram, no seu comunicado, o montante nem o calendário dos aumentos de impostos propostos, mas a mensagem dirigida aos decisores políticos foi clara: querem que qualquer resposta à quebra do setor vitivinícola evite aumentar os custos das empresas que já estão a tentar adaptar-se à menor procura e à mudança dos hábitos de consumo.

Tacer disse ver com melhores olhos o pacote da União Europeia para o setor do vinho, sobretudo nos aspetos em que disponibiliza instrumentos para a adaptação às mudanças das condições de mercado. Ao mesmo tempo, afirmou que as regras

relativas à origem geográfica devem preservar as normas estabelecidas sem criar novos entraves burocráticos.

O evento destacou também o esforço para reforçar a coordenação dentro do setor. Christian Weseloh, membro da direção da DRV, afirmou que os desafios enfrentados pelos produtores de vinho eram agora demasiado abrangentes para serem resolvidos isoladamente por cada segmento do mercado. Apontou o Forum WeinWirtschaft, uma coligação que surgiu de uma anterior plataforma de uma associação técnica do setor do vinho, como forma de apresentar posições comuns com maior eficácia aos decisores políticos.

Além da DRV e da BWS, o fórum integra a associação que representa os setores alemães do vinho de fruta e do espumante de fruta, bem como a Câmara de Indústria e Comércio de Trier. As organizações afirmaram que a aliança reúne importantes segmentos da atividade vitivinícola e do comércio de vinho na Alemanha, incluindo empresas de grande e média dimensão ao longo da cadeia de abastecimento.

O encontro transmitiu também uma mensagem mais positiva sobre a própria colheita de 2026. Paula Löber, embaixadora nacional do vinho, que detém o título de Majestade do Vinho Alemã, disse aos participantes que os consumidores poderiam esperar vinhos de grande qualidade da colheita de 2026, apesar de esta ser mais reduzida. Afirmou que uvas sãs, elevados pesos do mosto e aromas concentrados apontavam para um ano excelente, com particular potencial nos vinhos tintos e uma forte estrutura aromática nos brancos.

Segundo o comunicado, os convidados provaram mais tarde uma seleção de vinhos destinada a mostrar a diversidade das regiões vitivinícolas alemãs.

A DRV afirmou representar empresas ligadas ao movimento cooperativo nos setores agrícola e alimentar da Alemanha. Segundo a organização, as suas 1.635 empresas associadas, com atividade na produção, no comércio e na transformação, empregam cerca de 110.000 pessoas e geram vendas de 77,8 mil milhões de euros. A BWS afirmou representar cerca de 140 empresas dos setores do vinho, do espumante e das bebidas espirituosas. Segundo a associação, os seus membros comercializam mais de metade da produção total de vinho alemão e representam cerca de 95% da produção

de espumante na Alemanha.